

INTRODUÇÃO

Laurie Kazan-Allen*

“O Grande Julgamento do Amianto” é o maior e mais complexo caso de amianto ouvido em um tribunal criminal na Europa (ver esta monografia, Capítulo 6). O procedimento de Turin é “grande” em todos os sentidos da palavra, quanto a: número de partes lesadas, representantes legais, municípios, problemas e locais de trabalho envolvidos; duração prolongada do julgamento; conceitos jurídicos fundamentais explorados; década de pesquisas cuidadosas e meticulosas requerida para trazer os réus ao tribunal; expectativas dos enlutados de que o veredicto reconhecerá a natureza cataclísmica dos crimes cometidos. No banco dos réus estão antigos executivos dos Grupos Suíço e Belga da Eternit, empreendimentos que exerceram o controle sobre operações em fábricas italianas de cimento de amianto. Os industrialistas Stephan Schmidheiny (Suíça) e Barão Louis de Cartier de Marchienne (Bélgica) são acusados de causar desastre ambiental permanente e de não cumprir regras de segurança. Caso sejam considerados culpados, eles podem ser sentenciados a vinte anos por sua participação nas tragédias de amianto em Casale Monferrato (Alessandria), Cavagnolo (Turin), Rubiera (Reggio Emilia), Bagnoli (Nápoles) e Siracusa (Sicília). O fato de que este processo alcançou um status icônico tanto na Itália como no exterior é um reflexo dos princípios universais em consideração. Há, de fato, um direito humano à vida, o qual tem precedência sobre atalhos que aceleram a produção e minimizam custos de produção? Indivíduos podem ser responsabilizados pelos efeitos de operações comerciais que ponham em risco a vida e poluam o ambiente?

O julgamento de Turin marca “um momento judicial crítico na história internacional de ações contra industrialistas do amianto. Ele está voltado ao comportamento estratégico de alguns diretores de multinacionais do amianto, aqueles que organizaram a campanha internacional de desinformação sobre os efeitos do amianto na saúde, a qual levou a desastres não só na Itália mas em todo lugar em que amianto foi usado” (Cap. 9). Os processos, iniciados em 10 de dezembro de 2009, foram o resultado de cinquenta anos de ação direta dos funcionários da fábrica da Eternit em Casale Monferrato, os quais assumiram “propriedade crítica da realidade dos trabalhos... criaram alianças entre funcionários e cientistas... [e] desafiaram a realidade do estabelecimento” (Cap. 7). O suporte prático e político provido por sindicatos e federações trabalhistas foi de importância fundamental para ajudar a formar a percepção pública quanto à responsabilidade da Eternit pela epidemia do amianto. O compromisso contínuo

dos diretores e membros da AfeVA (Associazione famigliari e vittime amianto di Casale Monferrato - Associação de famílias e vítimas do amianto em Casale Monferrato) foi decisivo na criação do movimento popular que sustentou a longa “luta por justiça, descontaminação, pesquisas” (Cap. 6). Demonstrações, memoriais, reuniões públicas e vigílias montadas pelos ativistas de Casale Monferrato garantiram que o escândalo de Eternit permanecesse uma questão presente na agenda política e social. As bandeiras da campanha, nas cores italianas verde, branco e vermelho, com o slogan “Eternit: Giustizia!” (Eternit: Justiça) decoraram vitrines, sacadas e espaços públicos em toda a cidade. A onipresença dessa imagem foi uma manifestação visual do apoio profundo e difundido da luta das vítimas por justiça, assim como as multidões de habitantes locais que estiveram presente em cada audiência do julgamento de Turin. Para o povo de Casale Monferrato, os processos legais representaram seu dia no tribunal: um ponto no tempo quando os executivos sem rosto que eles responsabilizaram pelas mortes de seus amados foram nomeados e envergonhados.

As audiências judiciais expuseram: “um sistema econômico que permitiu lucro fácil, com aqueles que obtiveram os lucros aparentemente imunes ao dano que infligiam aos funcionários e às comunidades” (Cap. 6). Elas também revelaram até onde a Eternit iria para preservar sua “credibilidade.” Documentos confiscados pela polícia do escritório em Milão da Chiappe Bellodi Associates GCI, a empresa de relações públicas mantida pela Eternit, revelaram a existência de uma “super-rede de consultores pagos pela Eternit,” os quais orquestraram uma estratégia de defesa meticulosa para exercer controle máximo sobre o “problema de Casale” (Cap 11). Vastos recursos financeiros foram disponibilizados aos consultores de imagem, os quais recrutaram colaboradores da Eternit AG, da Eternit S.p.A., do Grupo Suíço da Eternit e da Nueva Ltd., assim como peritos independentes e terceirizados, conforme necessário, para estender o plano de comunicação corporativa. Crucial para a eficácia operacional da rede da Bellodi foi a contribuição de “correspondentes locais de relações públicas,” espões recrutados pela companhia para infiltrar a AfeVA. O sistema legal italiano dentro do qual este caso foi montado apresenta um verdadeiro desafio a nós que somos de países de direito comum, como Inglaterra, Índia, Estados Unidos, Canadá e Austrália, onde os lesados pelo amianto registram queixas civis para indenização. O fato de que os processos de Turin, iniciados pelo Promotor Público Raffaele Guariniello,

*Coeditora desta publicação, Laurie Kazan-Allen é Coordenadora da Secretaria Internacional para Banimento do Amianto (IBAS).



Foto do documentário: Pó - O Grande Julgamento do Amianto

Bruno Pesce, Romana Blasotti Pavesi e Nicola Ponderano, foto de 2009

incorporaram um maciço processo civil ampliou tanto a complexidade do caso quanto o número de partes envolvidas. A possibilidade que os réus possam efetivamente comprar sentenças mais brandas através de acordos com os reclamantes é um conceito difícil de entender e de engolir (Cap. 9, Apêndice).

Apesar de seus pontos negativos, o sistema legal italiano foi praticamente o único a prender executivos por crime corporativo tóxico (Cap. 10). Considerando-se a natureza multifatorial dos processos de Turin, o pesadelo administrativo de organizar evidência reunida por mais de dez anos de pesquisas, os contratemplos técnicos (Cap. 10) e o tempo limitado disponível - as 66 audiências foram organizadas somente um ou dois dias por semana - chegar ao fim do julgamento foi por si só um feito. A atitude respeitosa dos juízes presidentes para com os lesados, a preparação completa do Promotor Guariniello e de sua equipe e a contribuição de uma equipe multinacional de peritos e consultores jurídicos encorajou as esperanças das vítimas de que uma “sentença exemplar” será dada em 13 de fevereiro de 2012.

Eternit: Status e Modus Operandi

O grupo de empresas Eternit foi “provavelmente o maior fabricante de cimento de amianto no mundo.”¹ A totalidade de todos os interesses globais da Eternit foi tão rica, poderosa e influente que a Eternit certamente mereceu um status igual ao desfrutado por outros gigantes globais do amianto: Johns Manville Corporation (EUA) e Turner & Newall Ltd. (Grã-Bretanha). De fato, foi a Eternit que explorou as alianças históricas que permitiram à indústria de cimento de amianto florescer ao longo de todo o século

20. Em 1929, Ernst Schmidheiny, da Eternit Suíça, fundou uma organização criada especificamente para promover os interesses dos produtores de cimento de amianto; o nascimento do Cartel SAIAC foi um momento fundamental na história da indústria. Os membros do SAIAC concordaram em trocar conhecimentos técnicos, centralizar atividades de pesquisa, padronizar intervalos de produção e organizar o negócio de exportação (Cap. 1). Trabalhando juntos, os membros do SAIAC dividiram mercados globais, pressionaram governos nacionais, fixaram preços no varejo e extraíram termos comerciais favoráveis de produtores de amianto.

Descrevendo o cenário internacional da Eternit na década de 1920 e de 1930, o jornalista suíço Werner Catrina escreveu que “assemelhava-se a um clã no qual alguns membros estavam casados uns com os outros, enquanto outros estavam relacionados ou tinham tornado-se amigos como resultado de seus interesses comuns.” O reconhecimento da mutualidade de interesses comerciais e pessoais entre as partes interessadas em cimento de amianto foi extremamente importante para o futuro sucesso da indústria. As conexões de família, amizades, investimentos financeiros compartilhados, reuniões periódicas e empreendimentos comerciais conjuntos que cimentaram as relações pessoais da elite global do amianto foram diligentemente explorados para salvaguardar os interesses da indústria.

Muito antes da era da Internet, os funcionários da Eternit tinham acesso fácil aos responsáveis por decisões dentro e fora de suas próprias esferas de influência. Assim, quando a Turner & Newall Ltd. (T&N) começou a adicionar rótulos em sacos de amianto mencionando o risco de

¹Evidência fornecida pela Eternit Building Products Limited ao Comitê Consultivo (Britânico) sobre Amianto, 1976.

câncer, algo precioso ser feito. Etienne van der Rest, diretor da Eternit Bélgica², queixou-se ao Diretor de Recursos Humanos e Relações Exteriores da T&N, H.D.S. Hardie, em uma carta que começa com “Caro, Harry.”³ Mencionando as negociações prolongadas pelas partes interessadas no amianto quanto à redação de “um texto adequado a ser incluso na parte inferior do rótulo [do saco de amianto],” van der Rest lembrou a Hardie que havia sido acordado que empresas “não deveriam mencionar no rótulo o risco do câncer, mas apenas informar que o uso incorreto do produto poderia ser prejudicial à saúde.” O fato da T&N não seguir o padrão era uma “decepção”, com consequências potencialmente graves. Van der Rest especulou sobre a imposição de regulamentos da indústria da CEE, tais como a disposição obrigatória de “um rótulo com caveira e ossos cruzados (sic)...” em sacos de fibra de amianto. A associação do amianto com um símbolo universalmente compreendido como denotando veneno não seria bom para as vendas. Concluindo a carta, Van der Rest desafiou Hardie a explicar a decisão quanto à nova redação da T&N para que ele pudesse “defender a posição da Turner (sic) para com todos os que a criticam tão severamente...”

A rigorosa conformidade com a linha política da Eternit é um tema que permeia esta monografia. Um exemplo do controle estrito exercido por altos executivos em todo o império da Eternit é a disciplina forçada pelos consultores de relações públicas incumbidos em manter o crescente escândalo do amianto da Eternit sob o radar na Itália (Cap. 11). A “Bíblia de RP,” criada “para garantir que tudo está e estará sob controle,” foi meticulosamente implementada: “A orientação estratégica de nossa política de RP foi cuidadosamente elaborada e estabelecida ao longo dos anos. Penso que ela é válida e não deve ser alterada,” escreveu o consultor em Milão Guido Bellodi. Conquanto os esforços para lidar com a situação em Casale Monferrato foram compreendidos principalmente por pessoas que trabalham em nome dos interesses da Eternit Suíça, o autoritarismo corporativo era também predominante no Grupo Eternit da Bélgica, que em 1995 tornou-se o Grupo Etex. Um documento de 53 páginas emitido em janeiro de 2000 intitulado Diretrizes de Identidade Corporativas para Empresas Afiliadas do Grupo Etex estabelece regras exatas para uso de logotipos, fontes, layouts e cores em papéis timbrados, cartões comerciais, publicidade, sites de internet, exposições, documentação técnica, documentos internos e e-mails para as 150 empresas Etex em 37 países nos cinco continentes. “As regras são bastante objetivas,”

escreveu Paul van der Straten Waillet, Diretor de Comunicações e Marketing da Etex, “mas devem ser aplicadas em cada caso e em cada empresa.”⁴

Que os dois exemplos citados no parágrafo acima sejam do século 21, um tempo em que mesmo os antigos magnatas do amianto reinventaram-se como filantropos e gurus ambientais (Cap. 3), sugere a existência da continuidade de uma abordagem caracterizada por microgestão e tomada de decisões centralizadas. É difícil acreditar que informações sobre o perigo do amianto disponíveis à hierarquia da Eternit desde 1931 não tenham sido disseminadas a outros nas redes da Eternit e do SAIAC. Em abril de 1950, uma carta do Secretário Geral da Eternit S.A. (Bélgica) informou o SAIAC que:

“Você deve lembrar-se que nós mesmos já chamamos sua atenção à asbestose em nossa carta de 15 de maio de 1931. Em 1933 recebemos o relatório de Dr. E.R.A. Merewether... e desde então temos constantemente nos ocupado com medidas preventivas...”

É claro que o interesse geral exige medidas de controle onde quer que haja perigo.”⁵

Parece que esta carta foi uma em uma série sobre os perigos da exposição ao amianto. Um mês antes (13 de março de 1950) o Secretário do SAIAC escreveu à N.V. Eternit em Amsterdã sobre uma correspondência anterior da Holanda sobre o tema da asbestose e confirma os planos do cartel de promover uma investigação entre seus membros quanto à sua experiência com asbestose.

Os fatos como são conhecidos apresentam a nós algo como um enigma. Pela documentação disponível, fica claro que os executivos da Eternit na sede da empresa estavam cientes dos riscos que a exposição ao amianto impunha à saúde humana há oitenta anos e que as “empresas da Eternit mantiveram uma à outra informadas...”⁶ Fica igualmente claro que a Eternit tinha a propensão de regular todos os aspectos de política corporativa, comportamento corporativo e atividade corporativa. Como pôde então os aspectos de segurança e saúde ocupacional, incrivelmente importante na política corporativa, ser deixados ao capricho de gerentes de unidade e fatores individuais. A resposta mais provável é que não foi - que as falhas em adotar práticas de trabalho

2 É interessante observar que a mãe do diretor da Eternit, Etienne van der Rest, era Marguerite van der Rest, née Emsens, filha do empresário de amianto belga Alphonse Emses <http://www.tv3.cat/multimedia/pdf/3/7/1297090719573.pdf>

3 Carta de E. van der Rest, Eternit, Kapelle-op-den-Bos, 5 de março 1980 a H.D.S. Hardie, Turner & Newall Ltd., Manchester.

4 Arquivo da Eternit: Caixa 9, 4087-4137.

5 Ver Cap. 1 Apêndice: tradução de carta da Eternit S.A. (Bélgica) ao SAIAC, de 14 de abril de 1950; versão original em francês.

6 Ruers B e Schouten N. The Tragedy of Asbestos: Eternit and the consequences of a hundred years of asbestos cement. Maio, 2006. Socialist Party (Países Baixos).

mais seguras, instalar ventilação adequada e introduzir inovações tecnológicas para proteger a mão de obra foram resultado de decisões tomadas nos níveis mais elevados da empresa. O Promotor público Raffaele Guariniello acredita que “as decisões principais não eram tomadas na Itália, mas na sede da Empresa [na Suíça e na Bélgica], e por isso elas aplicavam-se a todo seu império global de amianto, não somente às fábricas italianas mas a todos os interesses sob o controle dos acionistas majoritários” (Cap. 8).

Superestrelas do Amianto

Dentro da galáxia da Eternit, nenhuma estrela brilhou mais forte que as das famílias Schmidheiny (Suíça), Emsens (Bélgica) e Cuvelier (França) (Cap. 2), luzes guias das classes regentes de seus países. Seu status elevado trouxe múltiplos benefícios entre os quais laços culturais, educacionais, sociais e financeiros com políticos, banqueiros, advogados, jornalistas e outros cujas ações determinaram o clima comercial, o programa legislativo e a agenda social de seus países. A riqueza, força política, autoridade financeira e influência na mídia dos membros individuais destes clãs foram substanciais; o músculo coletivo da realeza do cimento de amianto era quase irresistível. Observador da Eternit por um longo período, Adrian Knoepfli observou em seu artigo “o Império da Família Schmidheiny” que os Schmidheiny constituíam a “mais conhecida dinastia comercial da Suíça.” “No auge da produção de amianto,” diz Knoepfli “os Schmidheiny controlavam fábricas da Eternit em dezesseis países, empregando 23.000 funcionários, e eles tinham participação em fábricas, através de suas ações no grupo da Eternit Belga (que pertencia à família Emsens), em outros dezesseis países” (Cap. 2).

O bilionário Stephan Schmidheiny, cuja fortuna pessoal foi ampliada por lucros das operações de cimento de amianto do Group Eternit Suíça, atualmente fala de “capitalismo verde,” “responsabilidade corporativa,” e “desenvolvimento sustentável” (Cap. 3). As obras de caridade de Schmidheiny como “um dos filantropos mais generosos da América Latina” e seus esforços para salvar o planeta não reduzem a aflição dos que contraíram doenças relacionadas à exposição ao amianto da Eternit. Em uma entrevista dada por Schmidheiny a David Bank, um repórter do Wall Street Journal, essa questão foi discutida. Bank diz:

“Sr. Schmidheiny diz que não é sua responsabilidade indenizar funcionários lesados. Os trabalhadores da Suíça podem

buscar ajuda da agência de seguro de suas empresas, ele diz, enquanto os trabalhadores de outros locais podem apresentar queixas contra as empresas que adquiriram as ações do Sr. Schmidheiny. ‘Em quase todos os casos em que vendemos, há uma grande empresa solvente capaz de cuidar de tudo,’ ele diz. Quanto aos trabalhadores que não têm a quem recorrer, o Sr. Schmidheiny prometeu analisar queixas individuais ‘de uma forma humanitária.’”⁷

Enquanto Stephan Schmidheiny executava uma retirada estratégica da indústria do amianto, pessoas em todo o mundo ganhavam posse de lembranças íntimas de sua conexão com o Império Schmidheiny nas fibras de amianto entranhadas em seus sistemas respiratórios. “Milhares de pessoas foram expostas ao amianto em plantas na Europa, Oriente Médio, África e América Latina nas quais os Schmidheiny tiveram interesses de posse.”⁸ O longo período de latência para doenças relacionadas ao amianto, tipicamente 10-50 anos desde a exposição até o aparecimento da doença, significa que as pessoas que morrem de doenças relacionadas ao amianto agora (2012), mais provavelmente foram perigosamente expostas ao amianto antes que Stephan Schmidheiny “abandonasse a maior parte das - mas não todas - operações de amianto de sua família.”⁹

Uma Perspectiva Global sobre o Desastre Humanitário Causado pela Eternit

Conquanto o foco deste livro está no desastre de Casale Monferrato e nas forças que se uniram para levar à justiça os antigos empresários do amianto por seus supostos envolvimento nas causas deste, a tragédia dos mortos pelo amianto na Itália é replicada onde quer que as fábricas de cimento de amianto da Eternit existiram. Documentos nesta monografia sobre operações de fabricação na Itália, Brasil, França, Bélgica, Países Baixos, Dinamarca e Japão documentam a determinação das empresas globais e nacionais da Eternit de priorizar lucros corporativos desprezando segurança ocupacional. Como mais poderia ser explicado o fato de que, mesmo em 1995, sacos de amianto bruto eram abertos com um canivete e manualmente esvaziados em um misturador na planta da Eternit em Thiant, França (Cap. 15). Durante décadas, foi prática comum para executivos da Eternit usar informações médicas sobre doenças de funcionários relacionadas ao amianto a favor da empresa, negando o conhecimento de

7 Bank D. Moral Fiber: Billionaire Activist On Environment Faces His Own Past - An ‘Eco-Efficiency’ Advocate Swiss Magnate Confronts Questions on Asbestos - Mr. Schmidheiny’s Conscience. 12 de setembro de 2001. The Wall Street Journal

8 Ibid.

9 Ibid.

diagnósticos aos indivíduos envolvidos e às autoridades governamentais. O historiador dinamarquês Kurt Jacobsen relata que desde meados dos anos 1950, a incidência de asbestose entre funcionários da Eternit na Dinamarca cresceu firmemente. “Os funcionários, contudo, não foram informados - ou pelo menos somente alguns deles - o público também não” (Cap. 17). Funcionários japoneses da Eternit não receberam “explicação alguma dos aspectos perigosos do amianto ou instruções para evitar doenças... Além disso, a empresa fazia os funcionários levar suas roupas de volta às suas casas” (Cap 18). Um veredicto de 2011 de um tribunal civil de Bruxelas confirma os esforços feitos pela Eternit Belga para “menosprezar os riscos do amianto à saúde e encobrir os fatos... [quando] soube com certeza que a exposição ao amianto trazia risco grave de desenvolvimento de doenças, tais como asbestose, câncer de pulmão e mesotelioma” (Cap. 16).

Em todo o império da Eternit, era rotina que executivos manipulassem agendas do governo para impedir a introdução de medidas protetoras e a adoção de banimentos do amianto. Embora casos de doenças relacionadas ao amianto tenham sido diagnosticados entre funcionários da Eternit nos Países Baixos em 1956, 1972, 1975, 1981, e 1982, “em nenhum destes casos a Eternit publicou qualquer informação fora da firma. Nenhuma das vítimas pôde estabelecer a responsabilidade da Eternit” (Cap. 14). A luta por vítimas da Eternit na Holanda para obter indenização é mencionada por Bob Ruers como “agonia dupla”: a agonia legal somada à agonia médica. Evitar responsabilidade por custos de descontaminação por amianto foi outra preocupação das equipes da Eternit. Quando a empresa Eternit Itália declarou falência em 1986, “a planta da Eternit em Casale foi abandonada com todo seu conteúdo venenoso...” (Cap. 5). Estimativas atuais para a descontaminação da cidade de Casale Monferrato excedem €160 milhões; até o momento, os Grupos da Eternit na Suíça e na Bélgica não pagaram pela limpeza do antigo local industrial, de edifícios locais, do poluído Rio Po ou do solo contaminado. Quando tudo o mais falhou, a política da Eternit foi atacar a credibilidade de seus críticos; os executivos da Eternit em Casale “negaram durante anos que o amianto causasse mesotelioma e repudiaram como subversivas as lutas do sindicato em defesa da saúde dos trabalhadores” (Cap. 5).

Nada é tão eloquente quanto as palavras das vítimas para transmitir a terrível realidade criada pelo comportamento negligente da Eternit. Mireille Wuilbeaux, viúva francesa de vítima do amianto, diz que após anos de saúde frágil, seu marido, que tinha trabalhado por 42 anos na fábrica de cimento de amianto da Eternit em Thiant, foi diagnosticado com mesotelioma

em outubro de 2001:

“O inferno então começou: quimioterapia, repetitivas pleurisias, drenagens cada vez mais frequentes. A partir de janeiro de 2005, meu marido passou a ter nódulos que precisavam de irradiação, radioterapia. Então, em abril de 2005, um novo exame e, um balde de água fria, o diagnóstico de câncer de pulmão no lado direito. Hospital novamente; ele teve um edema nos membros inferiores e não podia mais andar. Para tentar curar este novo câncer ele recebeu quimioterapia pesada, a qual ele quase não suportou. Essa terapia atacou seu sistema nervoso; ele tremia, desmaiava, vomitava. Todo seu corpo doía: cabeça, barriga, pernas. Ele não podia sequer beber água; nós matávamos sua sede com pirulitos de gelo.

Em 1º de outubro de 2005, Robert faleceu. Se o inferno for um lugar virtual, posso dizer que meu marido viveu no inferno e sofrendo; e eu também durante aqueles últimos meses em que estive ao seu lado” (Cap. 15).

Por mais complexa que a história da Eternit seja, com sua confusa série de reorganizações corporativas, vendas, aquisições, reconfigurações, amalgamações, mudanças de nome, propriedade cruzada e empreendimentos conjuntos (Cap. 2), este é basicamente um conto muito simples. É uma história de decisões tomadas por homens que retiraram uma substância da terra e a levaram a fábricas, oficinas, casas e edifícios públicos. As pessoas encarregadas das corporações que lucraram com este comércio mortal são responsáveis pelas consequências de suas ações. Caso as coisas fossem diferentes na fábrica de Thiant, o Sr. Wuilbeaux poderia ser poupado da morte excruciante descrita tão pungentemente por sua esposa. Caso os gerentes responsáveis pelas condições da fábrica de Casale Monferrato tomassem medidas para evitar a poluição por amianto, as gerações do povo da cidade poderiam ter sido salvas das consequências fatais da exposição ao amianto da Eternit.

Os capítulos desta monografia documentam as tragédias por amianto causadas pela Eternit em sete países; com mais tempo e recursos, histórias semelhantes poderiam ter sido contadas sobre o dano associado ao nome da Eternit em vários outros países na Ásia, África, América do Norte, América do Sul e Europa. Há limites claros do que pode ser alcançado em uma monografia relativamente curta que trata de um assunto tão amplo. Embora livros sobre a Eternit tenham sido publicados, ao que sabemos, nenhum ainda saiu em inglês. Aos reconhecidos especialistas na

Eternit da Suíça, França, Países Baixos, Bélgica e Itália, por favor, vejam esta monografia como um convite a escrever o tomo definitivo, com uma versão em inglês, sobre o desastre multinacional causado pelas operações de amianto da Eternit.

Os documentos desta coleção foram produzidos, revisados e editados durante alguns meses do ano passado. Devido ao longo processo de produção, em parte devido a atrasos de tradução, haverá

alguns exemplos em que os textos foram ultrapassados pelos eventos.

Por essa razão observamos em cada capítulo a data em que ele foi significativamente alterado pela última vez.¹⁰

Janeiro de 2012



A mobilização de toda a comunidade em Casale Monferrato foi mostrada em um documentário intitulado POLVERE - Il Grande Processo Dell'Amianto (PÓ - o Grande Julgamento do Amianto) o qual foi transmitido em canais de TV Belgas, alemães, suíços e franceses em novembro de 2011 e está sendo exibido em festivais de cinema em todo o mundo em 2011-12 (Cap. 12). De 2006 a 2011, os cineastas Niccolò Bruna e Andrea Prandstraller empreenderam uma pesquisa sobre amianto, documentaram ocorrências locais, realizaram entrevistas e rastreamos desenvolvimentos globais. Sua intenção era “concentrar-se nas vítimas de Casale Monferrato, o município que sofreu o grosso da epidemia de doenças do amianto na Itália,” porém, quanto mais coisas eles descobriam, mais eles percebiam que o desastre que testemunharam foi a ponta do iceberg. Com isso em mente, eles decidiram expandir o escopo de seu projeto com a inclusão da cobertura de problemas com amianto no Brasil, um país que produz e usa amianto, e na Índia, o maior importador mundial de amianto. Refletindo o escopo internacional do documentário, versões do filme foram feitas em italiano, francês, espanhol, alemão, português e inglês.

A semelhança dos títulos desta monografia e do filme não é coincidência. De fato, a ideia deste livro foi gerada durante conversas em 2008 com os codiretores do documentário. Devido a restrições de formato, especialmente o comprimento prescrito necessário para transmissões de TV, ficou claro que muito material pertinente seria omitido do documentário. Sentiu-se que uma monografia sobre a Eternit e o Grande Julgamento do Amianto aumentaria a visibilidade do filme e complementaria as informações que ele conteve.

¹⁰ Em uma nota técnica, tomamos a decisão de manter a escolha de ortografia (inglesa ou americana) e estilos de referência feitos pelos autores originais (ou seus tradutores).